Grupoterapia: transferência simbiótica*

MARIA LUIZA T. ASSUMPÇÃO**

A partir de algumas características observadas em grupos terapêuticos, em torno da antinomia simbiose-consenso conceituada nos termos de E. Gross e em parte de M. Mahler, procurou-se acompanhar ao longo de três anos o resultado diferencial da presença e da permanência dos elementos dos grupos. Dois grupos foram controlados e comparados nesse período e os dados essenciais são apresentados e discutidos neste trabalho.

Até onde o trabalho de grupo elabora o espaço potencial? Até onde o homem vive uma relação objetal em uma grupoterapia?

Curiosos frente a estas perguntas, organizamos, em início de agosto de 1978, dois grupos terapêuticos sob orientação psicanalítica.[1]

Um dos grupos foi formado com pessoas que já se haviam submetido a tratamento psicanalítico individual, por um período de dois anos no mínimo; o outro grupo foi organizado com pessoas que estavam pela primeira vez entrando em contato com este tipo de tratamento.

Das pessoas do primeiro grupo, umas ainda permaneciam no tratamento individual, outras tinham parado e solicitavam retorno.

Ao primeiro grupo chamaremos G^1; ao segundo, G^2.

Ambos foram planejados para funcionar com oito pessoas, homens e mulheres, todos em uma faixa superior a 20 anos de idade.

O grupo G^1 foi constituído de pessoas cujo tratamento fora realizado com um mesmo analista, mas a especificidade fundamental, observada na organização do grupo, foi de que todos tivessem se submetido por mais de dois anos a tratamento individual de orientação analítica. Algumas pessoas que entraram no grupo e que até então

* Artigo apresentado à Redação em 31.5.83.

** Endereço da autora: Rua Benjamim Constant, 55/1.604 — Glória — Rio de Janeiro, RJ.

[1] O grupo G^2 foi acompanhado durante toda a sua existência pela supervisão do Dr. Samuel Faro. Funcionaram como observadores Terezinha M. Silva e Elizabeth Portocarreiro. A eles, sou profundamente agradecida.

estavam em tratamento individual continuariam paralelamente os dois tratamentos.

O grupo G^2 teve como especificidade fundamental na sua organização ser constituído de pessoas que não tinham vivências em tratamento psicanalítico e ao mesmo tempo serem pessoas "fragilizadas", ou seja, "ego fraco" (J. Bleger).[2]

O grupo G^2 foi acompanhado durante toda a sua duração por observadores. Um deles permaneceu um ano, o outro permaneceu dois anos e meio.

Os grupos funcionavam uma vez por semana: o grupo G^1 tinha duração de 1h15min; o grupo G^2, 1h30min.

Se se pensasse num levantamento absoluto, muitas seriam as variáveis a serem controladas. Todavia, o que mais nos chamou a atenção foi a *permanência* dos elementos no grupo, aspecto que nos levou a este trabalho.

Para que o leitor possa acompanhar o exposto neste texto, transcreveremos o quadro das presenças dos dois grupos (ver anexo 1, quadros 1 e 2).

Diferentemente do grupo G^2, os elementos do grupo G^1 eram mais constantes e permanentes.

O gráfico do grupo G^1, como se pode ver, evidencia uma freqüência e permanência dos elementos no grupo, bem mais significativa do que o que se verifica no grupo G^2.

Deve-se acrescentar que, do grupo G^2, dois componentes com 18 e 23 meses, respectivamente, de tratamento de grupo passaram para tratamento individual. Perguntávamo-nos, freqüentemente: o que explicaria a integração dos grupos? Todas as referências estudadas até então pareciam-nos insatisfatórias, quando aplicadas à dinâmica dos grupos com que estávamos trabalhando. As tradicionais referências às características do grupo — necessidades individuais, semelhanças[3] — não satisfaziam.

O que nos levou a pensar um pouco mais profundamente sobre o assunto foi o trabalho de Gross,[4] trabalho que não é feito com grupo terapêutico, e, certamente, envolve pessoas selecionadas por determinados aspectos outros que aqueles com que trabalhávamos.

A pesquisa de Gross consiste resumidamente no que segue: o autor seleciona *simbiose* e *consenso* como força integrativa dos pequenos grupos. Vê a ligação simbiótica como relacionamento de interdependência e a ligação consensual como relação de consenso. Os grupos foram por ele classificados em duas grandes categorias: simbióticos, aqueles nos quais os membros foram interdependentes, porque cada um satisfazia a uma importante necessidade de seu companheiro ("o

[2] Bleger, J. *Simbiosis y ambiguedad*. 3. ed. Paidós, 1975. p. 113.

[3] Cartwright-Zander. *Dinâmica de grupo. Herber*, 1967. cap. 2: Coesão de grupo.

[4] Gross, Edward. Symbiosis and consensus as integrative factors in small groups. *American Sociological Review, 21* (2), Apr. 1956.

homem casado desempenhava o papel de pai substituto, oferecendo ao solteiro toda a ajuda e orientação possíveis. Tipicamente, esta situação poderia, com toda a razão, ser chamado de "simbiótica" Gross. Nós aplicamos aqui os conceitos de simbiose de M. Mahler, nas regressões); e grupos consensuais, aqueles nos quais os membros partilhavam de um objetivo ou ponto de vista comum (aqui foi interpretado por nós como algo colocado fora de relação simbiótica, ou seja, já a nível simbólico). O grupo simbiótico era composto por componentes com características dessemelhantes ou contrastantes, e, no grupo de consenso os participantes tinham características parecidas (casados, solteiros, gostarem dos mesmos esportes). Preferimos optar por considerar:

Simbiose — como o reenvio a si mesmo; projetar partes próprias e ficar ligado a elas. Ou seja, projetar partes do mundo interno e ficar ligado a elas. Os ataques ao outro, e, conseqüentemente, a uma parte de si mesmo, são a morte imaginada que ocorre na simbiose.

Consenso — o sujeito tem sempre relação antecipada com sua própria realização, seu projeto. Quando está "antecipada", permitiu a elaboração da morte imaginada, se assenta o sujeito no simbólico da cultura, nas normas, nas regras e passa a ter o que a nível social Gross chama de "características parecidas" (casados, solteiros etc.).

Diz ainda o autor que "um importante grupo de estudiosos reconheceu que pode ser feita importante distinção em termos de se saber se as pessoas se reúnem como personalidades segmentadas ou como personalidades totais". Transportando para os nossos grupos, preferimos dizer que os que reconheceríamos como tendo personalidade total seriam aqueles que teriam alcançado um grau de integração nas relações internas pessoais, que poderiam fazer trocas com o objeto externo a nível fundamentalmente simbólico. Estariam capazes de fazer trocas a nível de objeto total, em virtude de uma real integração. Todavia, também é necessário alertar para a possibilidade de se pensar em personalidade total por coação, rigidamente estruturada, mas não elaborada realmente, o que recairia na simbiose.

Os participantes do grupo G^1 entraram no grupo depois de terem elaborado na análise individual um certo nível da "desilusão", quando já eram capazes de aceitar os ataques ao analista sem grandes desestruturações, ou seja, quando na análise individual tinham alcançado certo nível de integração. Como esta afirmação, todavia, não eliminamos a hipótese de que partes simbióticas ainda se fariam presentes em certos momentos do grupo. Já no grupo G^2, os seus participantes, em sua maioria, não agüentavam trabalhar o objeto parcial. Qualquer ataque, sobretudo ao analista, era um ataque à sua parte depositada no terapeuta e, conseqüentemente, uma integração, frente à qual ou ele se apresentava mais simbiótico ou mais autista, quando, neste último caso, o comportamento mais comum era abandonar o grupo, sair sem avisar. Isto porque, neste momento, o grupo não elaborava, nem dava ao terapeuta a oportunidade de elaborar, com o elemento, o que se passava com ele. Eram comuns, nesta situação, as referências de

"angústias impensáveis", ou "aniquilamento", quer pela chuva, pela falta de ar, pela impotência corporal. O grupo tinha pouca disponibilidade nesta ocasião para viver a experiência como "continuidade do ser".

Em síntese, podemos concluir, dizendo:

a) a confrontação dos grupos, frente ao problema da permanência ou não, levou-nos a admitir que o grupo cujos componentes já haviam se submetido a tratamento anteriormente permaneciam por mais tempo no grupo;

b) que as saídas dos participantes do grupo G^1, em geral, foram mais elaboradas do que as dos participantes do grupo G^2;

c) os grupos de consenso seriam formados por personalidades ou mais elaboradas ou no extremo oposto, mais rígidas, pois não estão tão sujeitas à complementaridade, ainda que usem da simbiose, por vezes, nas regressões;

d) os grupos que usam essencialmente a complementaridade (G^2) são mais centrados no terapeuta;

e) a tendência em ambos os grupos durante o tempo de observação foi de voltar à díade, evidenciando que a identificação e a complementaridade é marcante, contudo mais evidente no grupo G^2;

f) é, de maneira geral, difícil aos grupos dar o espaço necessário ao indivíduo para experiências; o grupo só o faz, sistematicamente, ou quando seus elementos alcançaram alto grau de integração, ou quando a não integração ou ameaça de desintegração são grandes. Nesta última situação o grupo G^2, em determinado momento de sua existência, admitiu ao membro mais desintegrado um espaço, porque por intermédio dele trabalhava suas próprias partes desintegradas (simbiose transferencial no grupo. Nestes momentos se poderia perceber que a permanência no grupo G^2 era constatada. Vê-se que a coesão tanto ocorre no grupo simbiótico quanto no grupo de consenso, variando, todavia, o tipo de coesão e a coexistência da permanência da coesão.

Concluímos que no grupo terapêutico, e justamente por isso, sempre aparecerá o momento simbiótico; todavia, este pode ser completado pelas personalidades de formações mais integradas, se estas existem em maior proporção; se tal não ocorre, o número de perdas de elemento no grupo é acentuado.

No confronto destes dois grupos percebe-se a transferência simbiótica, como elemento presente na apreciação da integração dos grupos. Os elementos que permaneceram no grupo G^2 ficaram fundamentalmente por terem estabelecido uma relação simbiótica; o mais freqüente foi insistir em uma relação simbiótica antes do momento de largar o grupo (largam o grupo, polarizados nas projeções). Já o grupo G^1, em que as experiências das relações objetais foram mais elaboradas, tornou-se um grupo mais estável.

Os dois grupos tiveram início com um mês de diferença, sendo o grupo G^2, o primeiro a iniciar suas sessões. Quando ambos tinham

duração de três anos e meio, o grupo G^2 era desfeito com a saída de seu último elemento (que estava no grupo há sete meses), e o grupo G^1 estava com cinco dos seus elementos, aos quais continuamos inserindo elementos desde a época do término do G^2.

Fomos levados, pelo trabalho com estes grupos, a refletir sobre alguns princípios de Fairbairn e de Winnicott, aplicando-os aos grupos, sobretudo acerca do desenvolvimento da personalidade "de uma dependência primária a uma dependência madura", e basicamente sobre a atitude do terapeuta frente ao "espaço potencial", frente à habilidade em grupo de criar o espaço potencial, dando aos elementos do grupo a oportunidade de viverem a "capacidade de estar só", não só em referência a ele, terapeuta, mas principalmente aos elementos entre eles. E, no saber lidar com este espaço, dando a oportunidade de experiências que aumentarão ou diminuirão a coesão do grupo, à medida que se torna o grupo o espaço para trocar experiências, para o jogo de presenças e ausências, para a solidificação do objeto afetivo internamente.

A distinção entre os dois grupos trabalhados reflete exatamente a polaridade proposta por Fairbairn, e levanta a hipótese de ser a análise individual prévia útil para a construção de grupos nos quais a dinâmica se desenvolva mais a nível de relação com o objeto total do que a nível de simbiose ou partes do objeto, e mostra a influência destes fatores na permanência dos participantes no grupo e até mesmo na duração do próprio grupo.

Anexo 1

Os quadros que seguem apresentam os dados objetivos e respectivos gráficos da *permanência* e da *presença* dos sujeitos nos dois grupos G^1 e G^2.

O quadro 1 contém a relação discriminada e completa das *presenças* (podendo-se averiguar a *permanência* como decorrência do período coberto por cada um).

O quadro 2 contém as tabelas com os dados numéricos da:

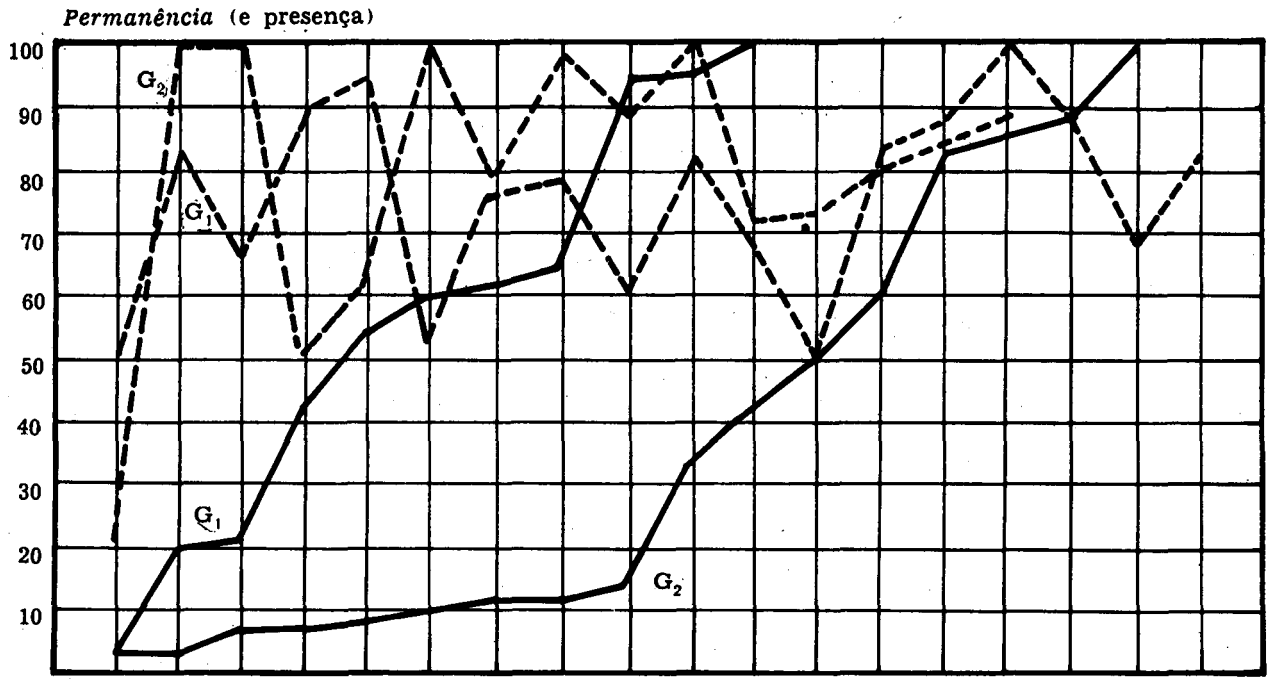
Permanência — calculada como índice percentual do número de sessões existentes no período de permanência de cada sujeito sobre o número de sessões existentes até o final do período abrangido por este trabalho.

Presença — calculada como índice percentual do número das presenças efetivas de cada sujeito sobre o total de sessões existentes no período de sua permanência.

O gráfico 1 contém a representação gráfica desses índices. Do primeiro gráfico consta a *permanência* em ordem progressiva nos dois grupos; a presença também consta, mediante linhas pontilhadas, mas esta sem ordem progressiva, pois acompanha membro a membro a permanência respectiva de cada sujeito. Do segundo gráfico consta a *presença*, mas aqui ordenada segundo um critério de progressão em ambos os grupos.

Gráfico 1

Índices de permanência e presença nos dois grupos (G_1 e G_2)



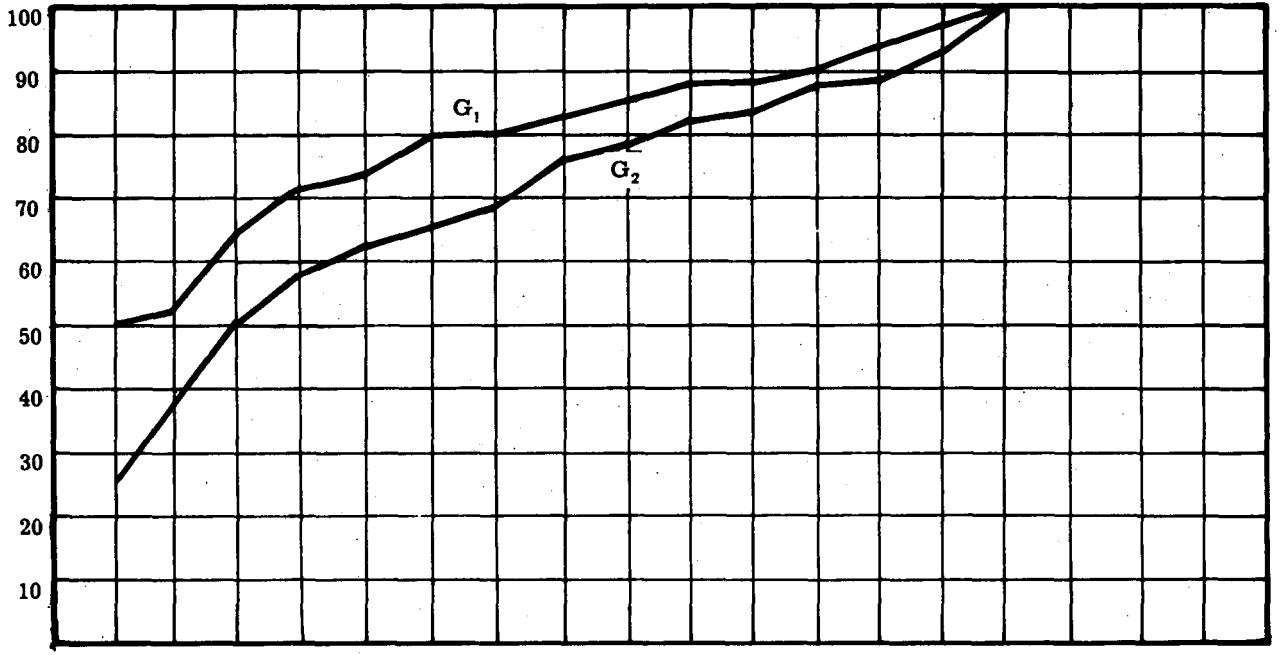
Suj.																
G_1	1.6	1.9	1.1	1.5	1.2	1.14	1.8	1.4	1.11	1.10	1.16	1.12	1.15	1.3	1.7	
G_2	2.9	2.1	2.7	2.16	2.10	2.15	2.2	2.4	2.5	2.8	2.12	2.18	2.6	2.13	2.14	2.11	2.3	2.17

Legenda:

—— *Permanência* em G_1 e G_2 (neste gráfico os sujeitos foram situados pela ordem progressiva de permanência).

- - - *Presença* em G_1 e G_2 (as posições correspondem membro a membro às dos sujeitos ordenados segundo o critério da permanência.

Presença



Suj.																				
	G_1	1.6	1.14	1.1	1.16	1.12	1.8	1.15	1.9	1.3	1.7	1.11	1.5	1.2	1.4	1.10				
	G_2	2.9	2.16	2.18	2.5	2.10	2.3	2.12	2.2	2.4	2.8	2.6	2.11	2.13	2.17	2.1	2.7	2.14	2.15	

Legenda:

—— Presença em G_1 e G_2 (pela ordem progressiva).

Quadro 1

Relação de presenças e faltas dos membros dos Grupos G¹ e G²

Ano	1978				1979										
G¹	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1.1	xox	xxxx	xxxo	xxxo	oxoxx	oxox	xxxo	xooox	oooo						
1.2	xxx	xxxx	xxxx	xxxx	xxxxx	xoxx	xxxx	xxxxo	xxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxx
1.3	xxo	xxxx	xxxx	xooo	ooxxx	xxxo	xxxx	xxxxx	xxox	xxox	xoxox	xxxx	oxxx	xxxx	xxxo
1.4	xxx	xxxx	xxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxx
1.5	xxx	xxxx	xxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxx	xxxxx	xxxo	xxxx	xo				
1.6	oxo	x													
1.7	xxx	oxxx	xxox	xxxx	xxxxx	oxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxoo	oxxxx	xxxx	xxoxx	xxxx	xxxx
1.8				xx	oxoxx	ooox	xxxx	ooxxx	xxxx	xxox	xoxox	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxx
1.9					xxxxx	ooxx	oxxx	xxxxx	xxxx	xxxx	xo				
1.10											xxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxx
1.11															
1.12															
1.13															
1.14															
1.15															
1.16															

Ano	1980											1981										
G¹	Jan.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1.1																							
1.2	xxxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xoo																		
1.3	xxxxx	xxxo	xxxxx	xxxx	xxo	oxxx	xxxx	xxxx	oxxxx	xoxx	xxxx	xxxx	x	xxx	xxxxx	xoxx	xxxxx	xxox	xoxx	xxxxx	xxox	xoxx	oxxxx
1.4	xxoxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxx	xxxx	xxxx	xxxx	xxxxx														
1.5	xx	ooxx	xxxxo	oxxxx																			
1.6																							
1.7	xxxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxx	xxxx	xxxx	xxxx	xxxxx	oxxx	xxxx	xxxx	x	xxx	xxxxx	xxxx	xxxxx	xxox	xxxx	xxxxx	xxxx	xoxx	xxxxx
1.8	xooxx	ooox	xxxxx	xxxx	xox	oxox	xxxx	xxxx	xxxxx														
1.9																							
1.10	xxxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxx	xxxx	xxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxx	xxxx	x	xxx	xxxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxx	
1.11					xxx	oxxx	xxxx	xxox	xxxxx	xxxx	xxxx	xxxx	x	xxo	xxoxx	xxxx	ooxoo	xxxx	xxxx	xoxxx	xxxx	xxxx	
1.12										xx	xxxx	xxxx	x	xxx	xxxoo	xxox	xooxx	xxxo	xxox	xooxo	oxox	oxxx	xxxxx
1.13														xx									
1.14																xxxx	ooxoo	xxxx	xxoo	oooo			
1.15																xxxx	xxoox	xxxx	xxxx	xxxxo	xxox	oxxo	oxxxx
1.16																				xxoxx	xxxo	xoox	oxxxx

Legenda: 1.1 a 1.16 — componentes do grupo G¹.
x = presença.
o = falta.

(continua)

(*continuação*)

Ano	1978				1979											
G²	Ago.	Set.	Out.	Nov	Dez.	Jan.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
2.1	xxxx	xo	oooo	oooo												
2.2	xxxx	xx	xoxx	xoox	xxxo	oooo										
2.3	xxxx	xx	xoox	xoxo	xooo	xxxo	oxox	xoo	xxooo	oxxo	xxxo	xxoo	oxxx	xxxxx	xxxo	0x0
2.4	xxxx	xo	xxxx	oxxx	xxoo	xcoo	oooo					xxoo	ooo			
2.5	xxxx	xo	xoxx	ooox	xoxx	ooox	oooo									
2.6	xxxx	xx	oxxx	xxxx	xoox	oxxx	xoxx	xox	xxxxx	xoxo	oxxx	ooox	xxxx	xxxxx	xoxx	xxx
2.7				xxxx	xxxx											
2.8					oxx	xxox	oooo		xxxx	xoxo	xxxx	xxox	xxxx	xxxxo	xxxo	xxx
2.9										xooo						
2.10										xxoo	oxxx					
2.11													xx	xxxxx	xxxx	xxx
2.12																
2.13																
2.14																
2.15																
2.16																
2.17																
2.18																

Ano	1980											1981									
G²	Jan.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
2.1																							
2.2																							
2.3	oxxxx	oxoo					xxxx	xxxoo	xxxx	oooo	xxxx	oxxx	x	xxxx	xxox	ooxo	oxxxx	xxxx	xoxxx	xxx	xxx	oxxx	xxoo
2.4																							
2.5																							
2.6	xoxxx	xxxx	ooxxx	xxxx	xxxx	oxxx	xxxx																
2.7																							
2.8	oxxxx	oooo																					
2.9																							
2.10																							
2.11	xoxxx	xxox	xxoxx	xxxx	xxxx	oxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxox	xxxx	ooox	x	xooo	xxox	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxxx	xxx	oooo		
2.12		xx	xxoxx	xxxx	xxxx	ooox	xxxx	ooxoo	xxxx	ooox													
2.13		x	xxoxx	xxxx	xxxx	ooxo	xxxx	xxooo	xxxx	oxxx	xxxx	xxxx	x	xxxx	xxox	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxxx				
2.14							xxxx	xxxxx	xxxx	xxxx	xxxx	xxxx	x	xxxx	xxxx	xxxx	xxxxx	xxxx	xxxxx	xxx	xxx		
2.15							xx	xxxxx	o														
2.16							x	oox															
2.17														xx	xxxx	oxxx	xxxxx	xxxx	xxxxx	xxx	xxx	oxox	xxxx
2.18																						xxoo	

Legenda: 2.1 a 2.18 — componentes do grupo G².
x = presença.
o = falta.

Quadro 2

Permanência e presença nos G^1 e G^{2*}

Grupo	Suj.	Permanência		Presença	
		Freq.	Ind.	Freq.	Ind.
	1.1	33/157	21	22/33	67
	1.2	84/157	55	80/84	95
	1.3	157/157	100	132/157	85
	1.4	101/157	66	100/101	99
	1.5	58/135	43	52/58	90
	1.6	4/157	3	2/4	50
	1.7	157/157	100	147/157	88
G^1	1.8	88/144	62	70/88	80
	1.9	28/142	20	24/28	84
	1.10	110/115	95	110/110	100
	1.11	71/76	93	62/71	88
	1.12	54/54	100	41/54	73
	1.13	—	—	—	—
	1.14	21/35	60	11/21	52
	1.15	35/35	100	28/35	80
	1.16	18/18	100	13/18	72
	2.1	5/154	3	5/5	100
	2.2	18/154	12	14/18	77
	2.3	137/137	100	92/137	67
	2.4	19/154	12	15/19	78
	2.5	22/154	14	13/22	59
	2.6	92/154	60	75/92	82
	2.7	8/144	6	8/8	100
	2.8	44/131	34	36/44	81
G^2	2.9	4/120	3	1/4	25
	2.10	8/120	7	5/8	63
	2.11	95/106	89	83/95	87
	2.12	36/85	42	25/36	68
	2.13	70/84	83	61/70	87
	2.14	58/67	86	58/58	100
	2.15	7/66	10	7/7	100
	2.16	4/64	6	2/4	50
	2.17	38/38	100	35/38	93
	2.18	4/8	50	2/4	50

G^1	x	o
Perm.	67,87	32,77
Pres.	80,2	14,65

G^2	x	o
Perm.	39,83	36,04
Pres.	75,94	20,35

* A *permanência* foi calculada pelo número de sessões em que o sujeito permaneceu, sobre o total de sessões existentes a partir de sua entrada, descontados excepcionalmente períodos de viagem.

A *presença* foi calculada pelo número de sessões a que o sujeito participou em relação às sessões totais de sua permanência.

Nota: Não foi computado o caso 1.13, por se tratar de sujeito que participou de duas sessões apenas para verificar sua adaptabilidade à situação.

Abstract

This article studies some characteristics observed in therapeutic groups, considering the antinomy symbiosis-consensus based on the views of E. Gross and — partially — of M. Mahler. A follow-up was done during three years concerning differential results about presence and permanency of the group elements. Two groups were controled and confronted in this period. The essential data are presented and discussed in this paper.